

O Bumba meu boi maranhense em São Paulo: uma experiência estética com crianças e jovens

Luciana Coin de Carvalho

O Centro Educacional Gracinha é uma das oito unidades, que atendem crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social no turno contrário à escola, mantidos pela ASPF, Associação pela Família, entidade criada há 50 anos. Como contam em seu livro comemorativo:

O encontro inaugural reuniu professoras e operárias católicas em torno do ideal de desenvolver e transformar as pessoas e as comunidades por meio da educação. As operárias eram do Brás. As jovens professoras eram, na maioria, de Perdizes, dos Jardins e de Pinheiros. (ENCONTROS, 2006.p:13)

A partir desse momento a ASPF foi aumentando suas unidades de atendimento e diversificando seu público. Hoje atende crianças e jovens de diferentes níveis sócio econômicos em Centros Educacionais e Escolas. O Gracinha é um dos pioneiros. Localizado no Jd. Vila Campo Belo, zona oeste de São Paulo, inicialmente atendia mães das regiões carentes do entorno e promovia a catequese das crianças.

Em 1956, a ASPF adquiriu a Escola Nossa Senhora das Graças, e, em 1975, o Gracinha transformou-se em Escola de Educação Infantil gratuita que funcionou até 1993. Neste ano a ASPF passou por uma reformulação e esta casa começou a atender crianças e jovens de 6 a 17 anos no turno contrário da escola formal, como Centro Educacional Gracinha, estrutura que se mantém até hoje.

Firmou-se parceria no final da década de noventa entre a ASPF e o Instituto C&A que colocou a arte educação em evidência nos Centros Educacionais. E o Gracinha, em particular, com o Instituto Ayrton Senna, no projeto Educação pela Arte.

É neste contexto que Rita Coelho, arte educadora, iniciou seu trabalho no Gracinha e propôs, em 1998, um projeto sobre o Maranhão com um dos grupos que atendia. Nesse projeto as crianças entraram em contato com diversos aspectos culturais deste estado, entre eles a Festa do Bumba meu Boi, que derivou na montagem do auto¹ e da dança.

Na medida em que esse projeto ganhou dimensão maior, o músico maranhense Henrique Menezes foi convidado a participar do trabalho, que extrapolou os muros do Gracinha e começou a realizar apresentações em outras unidades da Associação.

¹ No folguedo do Bumba meu Boi tradicional ocorre o auto, espetáculo teatral improvisado sobre um roteiro determinado. No Maranhão os personagens principais são Pai Francisco, Catirina e o Amo.

O Bumba meu boi foi além de um trabalho daquele ano, decidiram batizar o Boi². Passaram então pelos três rituais do ciclo e, talvez pelo compromisso firmado com essa manifestação, fazem até hoje a dança e as festas do Boi.

Iniciei as visitas a este grupo em março de 2010. Encontrei um conjunto com crianças e jovens dançando, cantando e tocando. Para fazer parte, crianças e jovens matriculados no Centro Educacional se inscrevem no início do ano. Os encontros acontecem aos sábados.

Os jovens que executam a música ao vivo nos ensaios também participam das oficinas de percussão com Henrique às quintas-feiras, dentro da grade de atividades do Centro Educacional. Quem coordena a dança é Leandro, que em 1998 era adolescente da casa, depois foi aprendiz e então educador. Formou-se em Artes Visuais e participa do grupo de dança desde seu início.

Hoje eles trabalham com um repertório de danças: Boi, coco, ciranda, pau de fitas e o Maracatu. Os figurinos e instrumentos foram adquiridos e confeccionados ao longo destes 12 anos. O primeiro boneco de Boi, como nos conta Leandro, era de papelão e em 2010 batizaram um lindo Boi bordado com miçangas e canutilhos, com base de buriti³.

A escolha por acompanhar este grupo deu-se antes da primeira visita. Desde março de 2010 matriculada no Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNESP, na área de Artes Cênicas, procurava objeto de pesquisa para o mestrado.

O pré-projeto apontava para cultura popular, pois venho da vivência de dez anos no grupo Cupuaçu, Centro de pesquisa em danças brasileiras, que há vinte e cinco anos realiza a Festa do Boi em São Paulo, no Morro do Querosene, no Butantã. Um tema possível seria aprofundar essa experiência; organizar conhecimentos sobre as danças, seus passos, fundamentos e mistérios, que fui adquirindo pela convivência, imitação e insistência em pertencer a esse universo, já que não vinha de família de tradição popular.

Porém, a proximidade demasiada do objeto, no caso o grupo, não deixou-me à vontade e porque acabara de sair trabalho de qualidade sobre o grupo e o Bumba meu Boi⁴.

² No ciclo do Bumba meu Boi no Maranhão, o Boi passa por três rituais festas. O primeiro é o renascer, no sábado de aleluia, também considerado o início dos ensaios. Depois acontece o batizado, na véspera de São João, dia 23 de junho e depois a morte, de meados de julho até agosto, quando o Boi morre e só volta a brincar no outro ano.

³ É comum encontrarmos no Maranhão o boneco do Boi feito com estrutura de bambu e coberto com madeira do caule do buriti. Depois é coberto com veludo preto, bordado com miçangas e canutilhos. O chifre costuma ser de Boi de verdade e precisa ser o par de um mesmo animal.

⁴ SAURA, Soraia Chung. *Planeta de boieiros: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi* / Tese de doutorado. Orientação Kátia Rubio. São Paulo. 2008. Pg71. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12032009-131837/>

Outro foco que me interessava era arte educação com crianças. Parte de minha formação de atriz e arte educadora aconteceu no Teatro Ventoforte, com sede no bairro do Itaim Bibi e direção de Ilo Krugli, no qual atuar, representar e participar de projetos de Educação pela Arte faziam parte do mesmo projeto.

Rita Coelho participou do grupo Ventoforte e acompanhou o Cupuaçu, desde sua formação. O grupo de danças Gracinha, que se iniciou dentro de suas aulas no Centro Educacional, já havia se apresentado na festa do Boi no Morro do Querosene. Fui procurá-la e soube que o grupo estava ativo desde 1998.

Entrei em contato com Hilda Hashimoto, diretora do Centro Educacional, que aceitou que a pesquisa de campo acontecesse dentro da instituição. Então me lancei no projeto de estudar a experiência estética com crianças e jovens, que faziam o Bumba meu boi maranhense em São Paulo, confrontando minha experiência e formação de atriz e de arte educadora com o trabalho realizado nesse grupo.

O desafio de vestir o papel de pesquisadora mostrou-se, nesse início, maior que o de compor um personagem. Desvelou-se como processo de construção de uma identidade. Formei-me Brincante a cada ano que integrava o grupo Cupuaçu, enveredando pelos fundamentos das danças populares no decorrer do tempo. O papel de pesquisadora se impôs de imediato, nos primeiros encontros.

Mas insisti e jovens e crianças me ajudaram nesta construção acolhendo-me a cada encontro. A observação me ofereceu material para refletir e procurar possíveis relações entre o que acompanhava nos ensaios e apresentações do grupo com minha experiência profissional e de formação. E também orientar a procura de referencial teórico para apoiar as questões que surgiam.

Finalizo esta comunicação compartilhando algumas indagações, nascidas nesses encontros, que nortearão o desenvolvimento da pesquisa.

A primeira questão que se apresentou foi a longevidade do grupo. São doze anos em continuidade. Como manter esta atividade por tanto tempo, num espaço educacional que tem planejamentos anuais? Que fatores influenciaram esta continuidade?

Atrelada à questão do tempo, está a qualidade estética do trabalho, reconhecida já nos primeiros encontros, nos passos e coreografias dos dançarinos e no ritmo, tocado ao vivo em quase todas as danças. Há, como me relataram os coordenadores, uma rotatividade das crianças e jovens, que transforma a configuração do conjunto. Hilda nos

conta que já passaram pelo grupo muitas Catirinas⁵. Porém, conseguem manter a beleza e espontaneidade no ritmo e no movimento.

Outro ponto, que chamou minha atenção, foi a forma de transmissão dos saberes das danças trabalhadas, por um lado muito próxima da tradição oral da cultura popular. Fazer junto, apresentar um modelo, sem rigidez, o que faz de cada ensaio do grupo uma apresentação. Por outro lado o aprendizado no grupo mostra-se ligado a uma metodologia que permeia todo o Centro Educacional Gracinha, que enfoca arte e cidadania, na formação de um jovem crítico e responsável.

E por fim, o que mobiliza crianças e jovens, paulistanos, em 2010 a fazer a dança do Boi, de tradição maranhense e, além da dança, realizar seu ciclo de rituais? Que sentidos e significados são construídos?

Nos ensaios ensina-se e aprende-se. Aprende-se também a ensinar os detalhes: os pés nos desenhos dos passos, o tempo das marcações, pulsar juntos, a força empregada nas baquetas. As nuances da melodia. O canto forte, sem gritar; a linha da fila, o círculo da roda. Detalhes que formam uma grande colcha de saberes.

Nessa colcha encontrei muitos fios, sei que há outros por reconhecer. E com eles tramar a rede de minhas reflexões.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Sites pesquisados:

www.aspf.org.br. Consultado em 06/10/2010

<http://senna.globo.com/institutoayrtonsenna>. Consultado em 06/10/2010

SAURA, Soraia Chung. *Planeta de boieros : culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do bumba-meu-boi I* Tese de doutorado. Orientação Kátia Rubio. São Paulo. 2008. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-12032009-131837/>

ENCONTROS. Livro comemorativo dos 50 anos da ASPF. SP, 2006.

⁵ Catirina é o personagem feminino que protagoniza o auto do Bumba meu boi. Ela está grávida e deseja comer a língua do Boi e deste conflito se desenrola toda a história, contada entre as partes musicais.